

## **Avaliação de automedicação entre os estudantes e profissionais em uma faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais**

**Evaluation of self-medication among students and professionals at a Medical school in southern Minas Gerais**

**Evaluación de la automedicación entre estudiantes y profesionales de una facultad de Medicina del sur de Minas Gerais**

Recebido: 29/10/2024 | Revisado: 04/11/2024 | Aceitado: 05/11/2024 | Publicado: 08/11/2024

**Yara de Souza Fernandes**

ORCID <https://orcid.org/0009-0009-7919-260X>

Faculdade de Medicina de Itajubá, Brasil

E-mail: [yaraheliadora98@gmail.com](mailto:yaraheliadora98@gmail.com)

**Amanda de Carvalho Pereira Moraes**

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5661-9174>

Faculdade de Medicina de Itajubá, Brasil

E-mail: [amanda.moraes@fmit.edu.br](mailto:amanda.moraes@fmit.edu.br)

### **Resumo**

**Introdução:** A automedicação é uma prática amplamente difundida, especialmente entre estudantes e profissionais da área da saúde, que possuem fácil acesso a informações médicas. O uso de medicamentos sem prescrição pode acarretar riscos significativos, como interações medicamentosas perigosas, resistência antimicrobiana e efeitos adversos graves. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento sobre os principais aspectos da prática de automedicação em alunos e funcionários de uma faculdade de medicina do sul de Minas Gerais. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal que contou com coleta de dados e posterior análise comparativa entre os grupos observados. Os achados foram discutidos com trabalhos acadêmicos já publicados e validados, com o intuito de se obter correlações entre a literatura médica científica e os achados da pesquisa. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostraram que 96,5% dos estudantes e 84,2% dos funcionários relataram o uso de medicamentos sem prescrição, com destaque para analgésicos e anti-inflamatórios em ambos os grupos. No entanto, o uso de psicotrópicos foi mais frequente entre os estudantes, enquanto os funcionários utilizaram mais relaxantes musculares e anti-inflamatórios. Esses dados refletem as diferentes pressões acadêmicas e ocupacionais, revelando que, embora os grupos apresentem contextos distintos, ambos são vulneráveis à automedicação. **Conclusão:** A automedicação entre estudantes e funcionários é preocupante, devido ao uso indiscriminado de diversas classes de medicamentos. A conscientização e a implementação de políticas educacionais são fundamentais para minimizar os riscos associados e incentivar o uso mais seguro e responsável de fármacos.

**Palavras-chave:** Automedicação; Uso indevido; Efeitos adversos.

### **Abstract**

**Introduction:** Self-medication is a widespread practice, especially among students and health professionals, who have easy access to medical information. The use of medicines without a prescription can led to significant risks, such as dangerous drug interactions, antimicrobial resistance and serious adverse effects. **Objectives:** The aim of this study was to survey the main aspects of self-medication among students and staff at a medical school in the south of Minas Gerais. **Materials and Methods:** This was a cross-sectional study that included data collection and subsequent comparative analysis between the groups observed. The findings were discussed with previously published and validated academic papers to obtain correlations between the scientific medical literature and the research findings. **Results and Discussion:** The results showed that 96.5% of the students and 84.2% of the staff reported using over-the-counter medication, with analgesics and anti-inflammatories standing out in both groups. However, the use of psychotropic drugs was more frequent among students, while staff used more muscle relaxants and anti-inflammatories. These data reflect the different academic and occupational pressures, revealing that although the groups have different contexts, both are vulnerable to self-medication. **Conclusion:** Self-medication among students and staff is worrying, due to the indiscriminate use of various classes of medication. Raising awareness and implementing educational policies are fundamental to minimizing the associated risks and encouraging safer and more responsible use of drugs.

**Keywords:** Self-medication; Improper use; Adverse effects.

## Resumen

**Introducción:** La automedicación es una práctica muy extendida, especialmente entre estudiantes y profesionales sanitarios que tienen fácil acceso a la información médica. El uso de medicamentos sin receta puede conllevar riesgos importantes, como interacciones farmacológicas peligrosas, resistencia a los antimicrobianos y efectos adversos graves. **Objetivo:** El objetivo de este estudio fue relevar los principales aspectos de la automedicación entre estudiantes y funcionarios de una facultad de medicina del sur de Minas Gerais. **Materiales y Métodos:** Se trató de un estudio transversal que incluyó la recolección de datos y posterior análisis comparativo entre los grupos observados. Los hallazgos fueron discutidos con trabajos académicos previamente publicados y validados, a fin de obtener correlaciones entre la literatura médica científica y los hallazgos de la investigación. **Resultados y discusión:** Los resultados mostraron que el 96,5% de los estudiantes y el 84,2% del personal declararon utilizar medicamentos de venta libre, destacando los analgésicos y antiinflamatorios en ambos grupos. Sin embargo, el uso de psicofármacos era más frecuente entre los estudiantes, mientras que el personal utilizaba más relajantes musculares y antiinflamatorios. Estos datos reflejan las diferentes presiones académicas y laborales, revelando que aunque los grupos tienen contextos diferentes, ambos son vulnerables a la automedicación. **Conclusión:** La automedicación entre estudiantes y personal es preocupante, debido al uso indiscriminado de varias clases de medicamentos. La sensibilización y la aplicación de políticas educativas son fundamentales para minimizar los riesgos asociados y fomentar un uso más seguro y responsable de los medicamentos.

**Palabras clave:** Automedicación; Uso indebido; Efectos adversos.

## 1. Introdução

A automedicação, especialmente entre indivíduos com maior nível de instrução, como estudantes e profissionais de medicina, tem se destacado como um dos principais desafios de saúde pública (Rahimisadegh *et al.*, 2022). Esse comportamento é caracterizado pelo ato de utilizar medicamentos por conta própria, sem a necessidade de uma prescrição formal (Lima *et al.*, 2022). Na prática, os fármacos podem ser obtidos a partir de prescrições antigas, sobras de tratamentos anteriores ou até mesmo pelo compartilhamento entre conhecidos, ampliando assim o acesso e, conseqüentemente, os riscos associados (Siraj *et al.*, 2022).

Embora a automedicação possa ser entendida como uma forma de autocuidado que, quando feita de maneira consciente, traz benefícios sociais e econômicos ao indivíduo, empregadores e ao sistema de saúde, também existem diversos malefícios relacionados a essa prática. Entre os principais riscos estão o autodiagnóstico incorreto, que pode resultar em tratamentos inadequados, a possibilidade de interações medicamentosas perigosas, o uso de doses inapropriadas, e o desenvolvimento de tolerância, dependência ou abuso. No caso dos antibióticos, há ainda a possibilidade de contribuir para o aumento da resistência microbiana, um problema de escala global que ameaça a eficácia de tratamentos futuros (Daanish *et al.*, 2022).

Diversos fatores influenciam o comportamento de automedicar-se, incluindo o nível de alfabetização em saúde, acesso facilitado a informações, status socioeconômico, campanhas publicitárias e políticas de saúde que facilitam a obtenção de medicamentos (Ramadan *et al.*, 2018). No caso dos estudantes de medicina, o acesso fácil a informações especializadas, a disponibilidade imediata de medicamentos e uma autoconfiança, frequentemente exacerbada pelo conhecimento adquirido ao longo da formação, são fatores que potencializam essa prática (Siraj *et al.*, 2022).

A automedicação tem sido amplamente estudada em diferentes contextos populacionais, variando entre faixas etárias, gêneros e profissões, com ênfase nos profissionais e estudantes da área da saúde (Lima *et al.*, 2022). Pesquisas indicam que as mulheres são mais propensas a esse comportamento, representando 66% dos casos, assim como pessoas com maior nível de escolaridade, que tendem a buscar soluções terapêuticas por conta própria. Entre os medicamentos mais consumidos estão analgésicos, anti-inflamatórios e relaxantes musculares, evidenciando a prevalência de sintomas relacionados à dor e desconforto físico (Arrais *et al.*, 2016).

Os motivos que levam à automedicação são diversos, mas muitos relatam que a dificuldade de acesso a serviços de saúde, como as unidades básicas, e o fácil acesso a remédios sem prescrição são fatores decisivos para essa prática. Isso é especialmente comum entre estudantes universitários da área de saúde, grupo em que a automedicação é bastante frequente.

Um estudo de Damasceno *et al.* (2007) apontou que 96,5% dos estudantes já haviam se automedicado em algum momento, mostrando que o comportamento é amplamente difundido nesse público (Galato *et al.*, 2012).

O presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento sobre os principais aspectos da prática de automedicação em alunos e funcionários de uma faculdade de medicina do sul de Minas Gerais.

## 2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa social, feita com pessoas, de natureza quantitativa (Gil, 2017; Pereira *et al.*, 2018) e cin ysi de estatística descritiva (Vieira, 2021) por meio de questionários.

Trata-se de uma pesquisa de campo através da análise de um questionário elaborado pelos autores, tendo como participantes da pesquisa os alunos (acima de 18 anos de idade) e os profissionais que trabalham na Faculdade de Medicina. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2024, com uma amostra de 238 alunos e 45 profissionais. Participaram do estudo os indivíduos que concordaram e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). O projeto foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Faculdade de Medicina de Itajubá sob o número de parecer 6.727.848. O questionário pôde ser respondido utilizando o formulário impresso ou através dos meios eletrônicos pela plataforma Google Forms, em que o link obtido foi encaminhado via WhatsApp. O questionário contou com perguntas relacionadas com a medicação que o indivíduo mais utiliza, uso de medicação controlada, se apresenta alguma patologia já diagnosticada, com que frequência faz uso de medicamento sem prescrição, dentre outras. Para análises estatísticas descritivas, foram utilizadas tabelas de frequência, porcentagens e análises inferenciais a partir de intervalos de confiança para obtenção das proporções populacionais considerando uma significância de 95% de confiabilidade. Foi aplicado o teste de regressão logística binária múltipla para determinar os fatores preditores da automedicação.

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1 Perfil Epidemiológico dos Participantes

As Tabelas 1 e 2 abaixo apresentam os principais aspectos gerais relacionados aos alunos e aos funcionários que participaram da pesquisa. Com essas informações, teve-se como objetivo traçar um perfil epidemiológico dos participantes, o que permite a correlação com outros estudos consolidados na literatura. Com esse intuito, é possível verificar padrões comuns em diferentes populações estudadas, reforçando a evidência do presente estudo. A análise comparativa dos perfis epidemiológicos de alunos e funcionários oferece parâmetros importantes sobre os comportamentos de saúde dessas duas populações, sobretudo no que diz respeito à automedicação, busca por informações e presença de comorbidades. Esses achados, quando confrontados com a literatura médica existente, reforçam padrões já conhecidos, mas também evidenciam nuances importantes que precisam ser consideradas no contexto de promoção da saúde.

Ao se analisar as faixas etárias dos participantes, as diferenças entre os dois grupos tornam-se mais evidentes. A concentração dos alunos na faixa dos 20 a 29 anos (60,08%) se alinha à literatura que indica que jovens universitários, especialmente nessa faixa etária, estão em uma fase de transição importante, tanto acadêmica quanto pessoal (Behzadifar *et al.*, 2018). Nesse âmbito, é esperado que elevados níveis de estresse, oriundos da demanda crescente por desempenho, resultem na automedicação, seja para alívio sintomático, seja para obtenção de melhores resultados. De forma complementar, estudos apontam que a automedicação entre universitários também se relaciona com a indisponibilidade temporal para a consulta médica e com o resultado prévio positivo com o uso de determinadas medicações (Albashtawy *et al.*, 2015).

**Tabela 1** – Aspectos descritivos dos alunos.

Variável	Frequência Relativa (Fr)	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	152	63.87
Masculino	86	36.13
<b>Idade</b>		
< 20	69	28.99
20-29	143	60.08
30-39	18	7.56
40-49	6	2.52
50-59	2	0.84
<b>Onde procura informação sobre os medicamentos que se automedica?</b>		
Não Procura	81	34.03
Bula	59	24.79
Internet	54	22.69
Amigos e familiares	18	7.56
Farmacêutico	17	7.14
Outros	9	3.78
<b>Motivos da automedicação</b>		
Experiência prévia	95	39.92
Falta de tempo	49	20.59
Um familiar ou amigo indicou	35	14.71
Outros	30	12.61
Elevado custo consulta	25	10.50
Viu propaganda	4	1.68
<b>Tipo de Consulta médica</b>		
Convênio médico	122	51.26
Consultas particulares	67	28.15
Através do SUS	45	18.91
Somente em emergência	4	1.68
<b>Comorbidades</b>		
Doenças Cardiovasculares	5	2.10
Doenças Reumatológicas	2	0.84
Hipertensão Arterial	2	0.84
Outras	23	9.66
Nenhuma	206	86.55
<b>Dentro de Outras</b>		
Hipotireoidismo	4	25.00

Asma	3	18.75
Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)	2	12.50
Síndrome de Rosai Dorfman	1	6.25
Depressão, Ansiedade e Transtorno de imagem	1	6.25
TDAH e Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)	2	12,5
Hipovitaminose	1	6.25
Depressão	1	6.25
Prolapso valvar mitral	1	6.25

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

**Tabela 2 – Aspectos descritivos dos funcionários.**

Variável	Frequência Relativa (Fr)	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	31	68.89
Masculino	14	31.11
<b>Idade</b>		
20-29	10	22.22
30-39	19	42.22
40-49	13	28.89
50-59	1	2.22
60-69	1	2.22
80-89	1	2.22
<b>Onde procura informações sobre os medicamentos que se automedica?</b>		
Bula	19	42.22
Não procuro	11	24.44
Internet	8	17.78
Amigos e familiares	2	4.44
Não olho efeitos adversos	2	4.44
Outros	2	4.44
Farmacêutico	1	2.22
<b>Motivos da automedicação</b>		
Experiência prévia	23	51.11
Familiar ou amigo indicou	10	22.22
Falta de tempo	10	22.22
Elevado custo consulta	4	8.89
Outros	4	8.89
Viu propaganda	2	4.44

<b>Tipo de Consulta médica</b>		
Convênio médico	36	80.00
Através do SUS	6	13.33
Somente em emergência	2	4.44
Consultas particulares	1	2.22
<b>Comorbidades</b>		
Hipertensão Arterial	4	8.88
Doenças Reumatológicas	1	2.22
Outras	4	8.89
Nenhuma	38	84.44
<b>Outras comorbidades</b>		
Asma e Doenças Alérgicas	2	50
Enxaqueca	1	25
Hipotireoidismo	1	25

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Por outro lado, entre os funcionários, a faixa etária predominante de 30 a 39 anos (42,22%) e 40 a 49 anos (28,89%) representa uma população em plena idade produtiva que, além das responsabilidades profissionais e interpessoais, também começa a lidar com o desenvolvimento de comorbidades crônicas associadas ao envelhecimento (Cavalcante *et al.*, 2023). Nesse ínterim, esse padrão já é bem documentado na literatura, em que adultos enquadrados nessa faixa etária estão mais expostos a fatores de risco, como sedentarismo, obesidade e estresse, os quais contribuem para o desenvolvimento de doenças crônicas, como hipertensão e diabetes. De maneira análoga ao grupo dos alunos, as razões pelas quais a automedicação acontece nesse grupo também se relacionam com a experiência prévia com medicamentos, além da falta de tempo para consultas regulares, o que é um comportamento recorrente entre adultos em idade produtiva (Cavalcante *et al.*, 2023).

A busca por informações sobre medicamentos também apresenta diferenças sutis, mas relevantes, entre os dois grupos. A bula foi mencionada como a principal fonte de consulta por 24,79% dos alunos e 42,22% dos funcionários. De fato, esse instrumento pode ser considerado como uma das fontes mais confiáveis de informações sobre o uso correto de medicamentos, já que contém orientações detalhadas sobre dosagens, efeitos colaterais e contraindicações (Cecyli *et al.*, 2020).

No entanto, a utilização da internet como forma de decisão para o uso de medicações, observada em 22,69% dos alunos e 17,78% dos funcionários, é uma preocupação crescente. Estudos demonstram que, apesar da conveniência desse meio de comunicação, muitas informações disponíveis online são de qualidade questionável e podem induzir ao uso inadequado dos fármacos (Cecyli *et al.*, 2020). Além disso, o fato de uma parcela significativa dos alunos (34%) e funcionários (24,4%) não buscar informações sobre medicamentos pode indicar certo nível de confiança excessiva na automedicação, comportamento que pode ser associado, também, a um maior risco de erros na administração de medicamentos e de complicações adversas (Silva *et al.*, 2024).

Os motivos para a automedicação revelam um padrão semelhante entre os dois grupos, com a experiência prévia sendo o principal fator citado (39,92% dos alunos e 51,11% dos funcionários). A prática embasada por experiências prévias é um comportamento amplamente relatado na literatura, especialmente entre populações adultas que já utilizaram medicamentos de forma recorrente. Contudo, é importante destacar que o uso recorrente de um medicamento sem a orientação de um

profissional de saúde pode resultar em problemas, como resistência bacteriana, uso incorreto da medicação e subestimação de condições subjacentes (Silva *et al.*, 2020). Nos alunos, a falta de tempo (20,59%) também foi um dos motivos mais frequentes, o que está em linha com estudos que mostram que universitários, devido à rotina acadêmica intensa, frequentemente priorizam soluções rápidas, como a automedicação, em detrimento da busca por atendimento especializado (Santos *et al.*, 2022).

Outro aspecto relevante é o tipo de consulta médica utilizada por cada grupo. Entre os funcionários, 80% relataram utilizar convênios médicos, em comparação com 51,26% dos alunos. Esse dado reflete a diferença socioeconômica entre os dois grupos, com os funcionários, em sua maioria, tendo maior acesso a convênios médicos oferecidos por seus empregadores e pela capacidade financeira de custear o acesso à saúde privada (Susanto *et al.*, 2023). O uso do Sistema Único de Saúde (SUS) foi mais comum entre os alunos (18,91%), possivelmente devido à dependência de serviços públicos de saúde, que, embora eficazes, podem ser de mais difícil acesso em termos de tempo de espera, o que favorece a busca por soluções rápidas, como a automedicação (Pandya *et al.*, 2013).

Por fim, a análise das comorbidades mostra que a maioria dos alunos (86,55%) não apresenta condições crônicas, o que é compatível com o perfil jovem e, em geral, saudável desse grupo. Já entre os funcionários, 84,44% também relataram não possuir comorbidades, mas aqueles que indicaram a presença de condições crônicas mencionaram principalmente a hipertensão arterial (8,88%) e outras doenças reumatológicas (2,22%). Estes achados estão em conformidade com estudos que apontam para uma prevalência crescente de doenças crônicas em populações adultas, especialmente em indivíduos acima dos 40 anos, que enfrentam um aumento nos fatores de risco associados ao estilo de vida sedentário e ao estresse (Arrais *et al.*, 2016). Entre os alunos, as comorbidades relatadas, como depressão e ansiedade, estão fortemente relacionadas ao ambiente acadêmico, onde os altos níveis de demanda e exigência emocional são fatores contribuintes para o desenvolvimento desses transtornos (Delmondes *et al.*, 2024).

### 3.2 Medicamentos Utilizados pelos Participantes

Sequencialmente, as Tabelas 3, 4 e 5 abaixo discorrem sobre os principais medicamentos utilizados pelos alunos e pelos funcionários. Percebem-se que as medicações utilizadas fazem parte do tratamento de algumas das comorbidades relatadas pelos participantes. Entretanto, a utilização de certas classes de fármacos pode ser associada com a automedicação, o que representa um potencial perigo à saúde dos indivíduos devido aos efeitos colaterais.

A análise dos medicamentos utilizados pelos alunos revela um panorama interessante e, em certa medida, alarmante, dado que há uma significativa diversidade de classes terapêuticas, abrangendo desde psicotrópicos até anti-hipertensivos e broncodilatadores. Essa variedade evidencia, inegavelmente, a coexistência de diferentes comorbidades, refletindo a saúde dos estudantes em múltiplos aspectos.

Primeiramente, chama atenção o uso expressivo de psicotrópicos, como o Venvanse e seus derivados, presente em mais de 12% dos alunos, além de Venlafaxina (8%), Desvenlafaxina e Sertralina (4% cada). Essas medicações, amplamente prescritas para transtornos como o TDAH e depressão, indicam que, mesmo entre jovens universitários, transtornos psiquiátricos são prevalentes (Silva *et al.*, 2024). Estudos apontam que o ambiente acadêmico, frequentemente marcado por demandas intensas e prazos escassos, contribui significativamente para o aumento de distúrbios de humor e ansiedade (Delmondes *et al.*, 2024). Um trabalho publicado pela American Psychological Association (APA) indicou que estudantes universitários relatam níveis recordes de estresse, com 45% deles apresentando sintomas relacionados a transtornos de ansiedade, corroborando, portanto, o uso dessas medicações.

**Tabela 3** – Medicamentos prescritos utilizados pelos alunos para o tratamento das comorbidades.

	<b>Fr</b>	<b>%</b>
Venvanse	3	12%
Losartana	2	8%
Propranolol	2	8%
Rivaroxabana	2	8%
Venlafaxina	2	8%
Aerolin	1	4%
Broncodilatador	1	4%
Clonazepam	1	4%
Concerta	1	4%
Desvenlafaxina	1	4%
Hidroclorotiazida	1	4%
Levoid	1	4%
Levotiroxina sódica T4	1	4%
Metoprolol	1	4%
Montelucaste de sódio	1	4%
Nenhuma	1	4%
Puran 100mg	1	4%
Puran t4	1	4%
Reuquinol, azatioprina, predsin	1	4%
Revoc, naproxeno sódico	1	4%
Rosuvastatina 10mg	1	4%
Sertralina, topiramato e alprazolam	1	4%
Suplementos vitamínicos	1	4%
Syntroid 75mg	1	4%
Venser 16 mg	1	4%
<b>Total geral</b>	<b>25</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Ademais, o uso de benzodiazepínicos, como o Clonazepam e o Alprazolam, destaca uma tentativa ampliada de controle da ansiedade, embora seja preciso lembrar que o uso prolongado dessas medicações pode levar à dependência, um fato largamente discutido e criticado na literatura psiquiátrica, especialmente em artigos que abordam os riscos do uso crônico dessas substâncias em jovens adultos (Filho *et al.*, 2020; Machado *et al.*, 2020).

Além disso, o uso de anti-hipertensivos, como a Losartana (8%) e o Metoprolol (4%), sugere a prevalência de hipertensão arterial entre esses alunos. Embora, classicamente, essa doença seja associada a indivíduos de meia-idade ou idosos, estudos recentes mostraram que o aumento da hipertensão em jovens está diretamente relacionado a fatores como obesidade, estresse crônico e hábitos alimentares inadequados, amplamente observados em populações universitárias (Iuras *et al.*, 2016). Nesse contexto, é comum que jovens, embora sem histórico familiar relevante, desenvolvam hipertensão primária, o que justifica o uso de anti-hipertensivos nesse grupo. Entretanto, a introdução dessa classe medicamentosa sem o atendimento especializado do profissional médico não é indicada, haja vista os potenciais efeitos adversos provocados por essas medicações



(Khatony *et al.*, 2020).

Por outro lado, a presença de broncodilatadores, como o Aerolin (4%), e de anti-inflamatórios antiasmáticos, como o Montelucaste de sódio (4%), sugere que uma parcela dos alunos enfrenta doenças respiratórias, como a asma. Nesse contexto, a Global Initiative for Asthma (GINA) destaca que a asma é uma das condições crônicas mais comuns em jovens adultos, sendo exacerbada por fatores ambientais, como poluição e alérgenos presente em áreas urbanas densamente povoadas (Neto *et al.*, 2023). Estudos recentes mostraram que estudantes que vivem em grandes centros urbanos, especialmente expostos a poluição atmosférica, apresentam maior prevalência de crises asmáticas, o que justifica o uso dessas medicações. Ademais, é consenso que o manejo adequado da asma, com uso correto de broncodilatadores e anti-inflamatórios, é crucial para evitar a deterioração da função pulmonar a longo prazo (Neto *et al.*, 2023).

Ademais, a utilização de anticoagulantes, como a Rivaroxabana (8%), é um dado relevante e levanta questões acerca da presença de condições mais graves entre esses alunos, como trombofilias ou outros fatores de risco para eventos tromboembólicos. A literatura médica enfatiza que, embora eventos tromboembólicos sejam mais frequentes em idosos, jovens com predisposição genética ou condições inflamatórias, como a síndrome antifosfolípídica, podem necessitar de anticoagulação precoce (Shrestha *et al.*, 2022; Susanto *et al.*, 2023).

Finalmente, o uso de terapia de reposição hormonal com Levotiroxina (4%) e seus análogos (Puran e Syntroid) reflete a prevalência de distúrbios tireoidianos, particularmente o hipotireoidismo, que acomete uma porcentagem considerável de jovens, sobretudo mulheres. A American Thyroid Association (ATA) menciona que a prevalência de hipotireoidismo subclínico é alta em mulheres jovens e muitas vezes está associada a outras comorbidades, como depressão e síndrome metabólica (Santos *et al.*, 2022). A reposição hormonal com levotiroxina é o tratamento de escolha, e a presença desses medicamentos na tabela reforça a importância do diagnóstico precoce e da intervenção adequada para evitar complicações a longo prazo, como infertilidade e disfunção cardiovascular (Pandya *et al.*, 2013).

Em suma, a tabela dos medicamentos utilizados pelos alunos demonstra uma ampla gama de comorbidades, com prevalência de distúrbios psiquiátricos, hipertensão, doenças respiratórias e problemas endócrinos. Esses achados estão em consonância com a literatura científica, que destaca o aumento dessas condições em populações jovens, possivelmente influenciadas pelo estilo de vida contemporâneo e pelas crescentes demandas acadêmicas e sociais. A correlação entre o uso desses medicamentos e as comorbidades subjacentes sugere a necessidade de um acompanhamento médico mais rigoroso, visando à prevenção de complicações futuras.

**Tabela 4** – Frequências das medicações utilizadas pelos alunos sem prescrição médica.

	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	10°	11°	
Medicamentos	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Total Geral
AINE	4 (16%)	5 (7.8%)	3 (15.8%)	8 (17.4%)	8 (28.6%)	0 (0%)	14 (28%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	42 (17.6%)
ANALGÉGICO	5 (20%)	16 (25.6%)	4 (21.1%)	15 (32.6%)	8 (28.6%)	0 (0%)	17 (34%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	65 (27.3%)
ANSIOLÍTICO	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
ANTIÁCIDO	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (1.3%)
ANTIALÉR-GICOS	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
ANTIBIÓTICO	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2.2%)	2 (7.1%)	0 (0%)	4 (8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (2.9%)
ANTICON-CEPCIONAL	1 (4%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (2.2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (1.3%)
ANTIDEPRES-SIVO	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	1 (2.2%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (1.7%)
ANTIDIABÉTICO	1 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
ANTIEMÉTICO	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2.2%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (0.8%)
ANTIESPASMÓDICO	1 (4%)	1 (1.6%)	0 (0%)	5 (10.9%)	2 (7.1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	9 (3.8%)

ANTIGRIPAIIS	2 (8%)	2 (3.2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (1.7%)
ANTIHIISTA-MÍNICO	2 (8%)	3 (4.8%)	0 (0%)	2 (4.3%)	2 (7.1%)	0 (0%)	4 (8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	13 (5.5%)
ANTIPIRÉTICOS	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2.2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
ANTITUSSI-GENOS	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
BENZODIA-ZEPÍNICO	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (3.6%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (1.3%)
CORTICÓIDE	0 (0%)	2 (3.2%)	0 (0%)	2 (4.3%)	3 (10.7%)	0 (0%)	5 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	12 (5.0%)
DESCONGES-TIONANTE	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
HIPNÓTICO	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
INIBIDOR DE SECREÇÃO ÁCIDA	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2.2%)	2 (7.2%)	0 (0%)	2 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	5 (2.1%)
LAXANTE	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
MUCOLÍTICO	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
DESCONGES-TIONANTE NASAL	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0.4%)
PSICOESTI-MULANTE	0 (0%)	1 (1.6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (50%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (0.8%)
RELAXANTE MUSCULAR	0 (0%)	2 (3.2%)	0 (0%)	2 (4.3%)	3 (10.7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (2.9%)
SUPLEMENTO	0 (0%)	2 (3.2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (1.3%)
VITAMINAS	0 (0%)	2 (3.2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (1.3%)
<b>TOTAL (pessoas)</b>	<b>24 (100%)</b>	<b>64 (100%)</b>	<b>19 (100%)</b>	<b>46 (100%)</b>	<b>28 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>50 (100%)</b>	<b>2 (100%)</b>	<b>3 (100%)</b>	<b>1 (100%)</b>	<b>238 (100%)</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A análise estatística dos dados sobre automedicação revela que a maioria dos estudantes, cerca de 28%, utiliza analgésicos, enquanto 17,2% recorrem aos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs). Estes valores indicam que quase metades dos medicamentos auto administrados pelos estudantes são dessas duas classes, o que destaca uma preferência clara por substâncias que proporcionam alívio de quadro álgico e inflamatório (Brito *et al.*, 2021; Lima *et al.*, 2022). Em relação a outras classes, observa-se que 5,5% dos estudantes usam anti-histamínicos, 5% recorrem aos corticoides, e 2,9% utilizam relaxantes musculares, sugerindo que uma fração significativa dos alunos também automedica sintomas de reações alérgicas e queixas musculoesqueléticas.

Estudos realizados em diferentes regiões e áreas de estudo confirmam essa tendência. Em pesquisa com estudantes do interior do Amazonas, observou-se que a prevalência de automedicação é alta, com destaque para o uso de AINEs e analgésicos, reforçando que a prática é recorrente em diversos contextos analisados (Lima *et al.*, 2022). Além disso, há uma influência significativa de fatores como a falta de tempo, o acesso facilitado a medicamentos e a autoconfiança no manejo de sintomas, que são fatores frequentemente relacionados ao alto índice de automedicação em estudantes de áreas da saúde (Santos *et al.*, 2023).

Esses estudos também evidenciam que a automedicação envolve riscos consideráveis de reações adversas, incluindo a hospitalização devido à toxicidade medicamentosa. Estima-se que, entre os medicamentos mais utilizados, os analgésicos podem levar a complicações como insuficiência renal, e os AINEs estão associados a riscos gastrointestinais severos, como úlceras e hemorragias (Sandoval *et al.*, 2017). Isso demonstra a necessidade urgente de intervenções educacionais voltadas para o uso racional de medicamentos e para o aumento da conscientização sobre os potenciais perigos da automedicação indiscriminada entre estudantes (Coelho *et al.*, 2017).

A prática ainda pode estar ligada a um fator de auto percepção da saúde, onde os estudantes acreditam poder manejar pequenos sintomas com base em experiências prévias e conhecimentos adquiridos, mas isso frequentemente ignora a

complexidade dos riscos associados ao uso prolongado e não supervisionado de medicamentos (Coelho *et al.*, 2017). Esses achados reforçam a importância de campanhas de conscientização e de serviços de apoio psicológico e médico no ambiente universitário, visando reduzir a prática da automedicação e fomentar um comportamento de cuidado preventivo e seguro entre os estudantes (Brito *et al.*, 2021).

A análise dos medicamentos utilizados pelos funcionários, conforme apresentado na tabela, oferece uma perspectiva clara sobre o manejo de comorbidades em uma população distinta, com um perfil de medicações que reflete tanto condições crônicas quanto o uso frequente de medicamentos sem prescrição. A correlação desses achados com a literatura científica reforça a relevância de intervenções de saúde específicas e a importância de uma abordagem médica mais rigorosa.

Em primeiro lugar, entre as medicações prescritas para comorbidades, destaca-se o uso de Alenia e Enalapril, ambos presentes em 28,57% dos funcionários. O primeiro fármaco é uma combinação de broncodilatador e corticosteroide inalatórios, sugere uma alta prevalência de doenças respiratórias crônicas, como asma ou doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), o que poderia estar relacionado com exposição contínua a poluentes ou histórico de contato com fatores determinantes para o desenvolvimento da doença, como alérgenos e tabagismo. Além disso, a presença de Aerolin (14,29%) e a menção de "Bombinhas" reforçam a relevância das doenças respiratórias crônicas também nesta população. Como supracitado, a utilização de broncodilatadores em contextos laborais pode estar relacionada tanto a fatores genéticos quanto ambientais, como a exposição à alérgenos e poluentes (Porto *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2022).

**Tabela 5** – Medicações utilizadas pelos funcionários para comorbidades e uso sem prescrição.

	Fr	%
Alenia	2	28.57%
Enalapril	2	28.57%
Aerolin	1	14.29%
Bombinhas	1	14.29%
Pregabalina	1	14.29%
Bromazepam, Paroxetina	1	14.29%
Hidroclorotiazida	1	14.29%
Puran	1	14.29%
Tandrilax	1	14.29%
<b>Total Geral</b>	<b>7</b>	<b>100.00%</b>
<b>Medicação sem prescrição</b>	<b>Fr</b>	<b>%</b>
AINE	5	26.32%
ANALGÉSICO	16	84.21%
ANTIISTAMÍNICO	5	26.32%
IBP	1	5.26%
RELAX.MUSCULAR	3	15.79%
<b>Total Geral</b>	<b>19</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Por sua vez, o anti-hipertensivo pertence à classe dos inibidores da enzima conversora de angiotensina (IECA), sendo amplamente prescrito para o controle da hipertensão arterial, uma condição crônica que, conforme a Sociedade Brasileira de Cardiologia, acomete mais de 30% da população adulta brasileira, sendo frequentemente subdiagnosticada e subtratada.

Portanto, o uso dessa medicação reflete uma necessidade crescente de controle rigoroso da hipertensão, especialmente entre trabalhadores que, frequentemente, enfrentam estresse ocupacional e sedentarismo (Moraes *et al.*, 2018).

Outro dado relevante é o uso de Pregabalina (14,29%), uma medicação frequentemente utilizada no tratamento de dor neuropática e transtornos de ansiedade generalizada. Estudos recentes indicam que essa medicação é uma opção terapêutica eficaz para o controle da dor crônica, especialmente em trabalhadores que lidam com condições como fibromialgia ou lombalgias, frequentemente associadas a longas jornadas de trabalho e atividades repetitivas (Arrais *et al.*, 2016). Ademais, a presença de Bromazepam e Paroxetina sugere a prevalência de transtornos de ansiedade e depressão entre os funcionários, condições que têm sido cada vez mais diagnosticadas em trabalhadores (Cavalcante *et al.*, 2023). De acordo com Susanto *et al.* (2023), ambientes de trabalho estressantes são um fator contribuinte significativo para o aumento dos transtornos psiquiátricos, levando à necessidade de um suporte psicológico mais abrangente nesses contextos.

Por outro lado, o uso de medicamentos sem prescrição também merece destaque, uma vez que a tabela revela que 84,21% dos funcionários fazem uso de analgésicos, como paracetamol ou dipirona. Esse dado é alarmante, pois o uso indiscriminado de analgésicos pode mascarar sintomas de condições mais graves e levar a complicações, como lesões hepáticas e insuficiência renal, conforme relatado por Andrade *et al.* (2020). Além disso, o uso frequente de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), presente em 26,32% dos funcionários, está associado a um risco aumentado de complicações gastrointestinais, como úlceras e sangramentos, especialmente em indivíduos que utilizam essas medicações de maneira prolongada sem prescrição médica (Junior *et al.*, 2022; Leal *et al.*, 2024).

Ademais, o uso de relaxantes musculares (15,79%) e anti-histamínicos (26,32%) reflete uma tentativa de manejo de dores musculares e alergias, respectivamente, possivelmente associadas a condições ocupacionais. Relaxantes musculares, como a ciclobenzaprina, são frequentemente utilizados para aliviar espasmos musculares, mas o seu uso prolongado sem prescrição médica pode levar a efeitos adversos como dependência ou sedação excessiva. Por fim, a presença de inibidores da bomba de prótons (IBPs) em 5,26% dos funcionários sugere uma tentativa de manejo de condições gastrointestinais, como a doença do refluxo gastroesofágico (DRGE), frequentemente associada ao uso de AINEs e ao estresse ocupacional. A literatura científica sugere que o uso prolongado de IBPs deve ser evitado sempre que possível, devido ao risco de complicações como hipomagnesemia, fraturas ósseas e infecções gastrointestinais (Mendanha *et al.*, 2022).

### 3.3 Testes de Regressão dos Grupos

De forma complementar, as Tabelas 6 e 7 abaixo apresentam os resultados do teste de regressão binária para os alunos e funcionários participantes. Essa análise tem como objetivo prever e explicar situações que têm apenas dois resultados possíveis, como "sim" ou "não", "sucesso" ou "falha". O que ela faz é calcular a probabilidade de um desses dois resultados acontecer, com base em algumas variáveis que podem influenciar essa situação. Segundo o teste de regressão logística para o grupo "Alunos", verifica-se que os dados obtiveram 82,5% de valores concordantes, além de Somers, Gamma, Tau-a com valores altos e  $p < 0,0001$  para o teste de regressão, mostrando um modelo de alta consistência e bons preditores. A análise de regressão logística binária aplicada ao grupo de alunos permitiu observar que 71% (169 indivíduos) reportaram a prática de automedicação, enquanto 29% (69 indivíduos) afirmaram não a praticar, em uma amostra de 238 respondentes.

A variável "Sexo" revelou-se um preditor significativo, com um coeficiente negativo para "Masculino" (-1,149), associado a uma razão de chances (odds ratio) de 0,32 (IC 95%: 0,16-0,65;  $p = 0,002$ ), o que sugere que homens têm uma probabilidade substancialmente menor (cerca de 32% a menos de chance quando comparado com o sexo feminino) de automedicação em relação às mulheres. Esse achado pode refletir diferenças comportamentais e de percepção de risco entre os

gêneros, onde as mulheres, em geral, buscam mais alternativas terapêuticas autônomas devido a uma maior exposição e acesso a informações de saúde.

A variável “Guardar medicação” apresentou uma odds ratio de 6,72 (IC 95%: 1,32-34,31;  $p = 0,022$ ), evidenciando que alunos que armazenam medicamentos em casa estão mais propensos a automedicar-se, possivelmente pelo acesso facilitado a esses medicamentos, o que reduz a barreira para sua utilização. Outro fator significativo foi a “Confiança na automedicação”: alunos que relataram confiar “frequentemente” ou “sempre” na prática tiveram odds ratios de 16,43 (IC 95%: 3,95-68,38) e 5,16 (IC 95%: 1,34-19,82), respectivamente, sugerindo que a autoconfiança na escolha de medicamentos é um fator decisivo para a automedicação, provavelmente embasado no conhecimento adquirido no curso de medicina.

Em relação aos motivos utilizados para justificar a prática da automedicação, verifica-se que a confiança na automedicação se destaca, apresentando uma forte influência entre aqueles que relataram confiar “frequentemente” ou “sempre” na prática. Alunos que afirmaram se automedicar “algumas vezes”, “frequentemente” ou “sempre” mostraram odds ratios crescentes e altamente significativos, indicando que quanto maior a confiança na prática da automedicação, maior a probabilidade de automedicarem-se. Esses resultados são estatisticamente significativos e indicam que a confiança contínua na automedicação é o principal fator associado ao comportamento de automedicar-se. Em contrapartida, outras justificativas, como “experiência prévia”, “falta de tempo” e “indicação de familiares ou amigos”, não apresentaram significância estatística.

Segundo o teste de regressão logística para o grupo “Funcionários”, verifica-se que os dados obtiveram 92,5% de valores concordantes, além de Somers, Gamma, Tau-a com valores altos e  $p < 0,0001$  para o teste de regressão, mostrando um modelo de alta consistência e bons preditores. No grupo de funcionários, dos 45 participantes, 76% (34 indivíduos) praticaram automedicação, enquanto 24% (11 indivíduos) não o fizeram.

Novamente, a variável “Sexo” mostrou-se significativa, com o coeficiente negativo para “Masculino” (-3,0942), associado a uma odds ratio de 0,05 (IC 95%: 0,01-0,38;  $p = 0,004$ ), reforçando que homens, entre os funcionários, apresentam menor tendência à automedicação do que as mulheres. Essa diferença sugere uma forte influência dos comportamentos de autocuidado entre os gêneros, onde as mulheres, de maneira geral, tendem a se automedicar mais. Esse comportamento entre as mulheres pode ser explicado por uma maior disposição para práticas de autocuidado, uma familiaridade mais ampla com o uso de medicamentos, e uma tendência cultural de buscar soluções para problemas de saúde de forma independente. A alta significância dessa variável evidencia o papel preponderante do gênero na decisão de automedicar-se entre os funcionários, ressaltando que as mulheres são substancialmente mais propensas a recorrer à automedicação do que os homens.

**Tabela 6** – teste de regressão logística para o grupo de alunos.

Regressão Logística Binária							
Variáveis	Valor	Contagem					
Você realiza automedicação?	SIM	169 (Evento)					
	NÃO	69					
	Total	238					
Tabela de Regressão Logística							
						IC (95%)	
Preditores	Coef.	Erro coef.	Z	P	Odds Ratio	Mínimo	Máximo
Constant	-1.080	0.969	-1.11	0.265			
<b>Sexo</b>							
Masculino	-1.149	0.363	-3.17	0.002	0.32	0.16	0.65

<b>Guarda medicação</b>							
Sim	1.905	0.832	2.29	0.022	6.72	1.32	34.31
<b>Motivos</b>							
Experiência prévia	0.276	0.624	0.44	0.658	1.32	0.39	4.48
Falta de tempo	-0.577	0.662	-0.87	0.384	0.56	0.15	2.06
Outros	-2.146	0.728	-2.95	0.003	0.12	0.03	0.49
Familiar/Amigo indicou	0.132	0.699	0.19	0.85	1.14	0.29	4.5
Viu propaganda	0.017	1.384	0.01	0.99	1.02	0.07	15.32
<b>Confiança na Automedicação</b>							
Raramente	0.249	0.516	0.48	0.629	1.28	0.47	3.53
Algumas vezes	1.175	0.483	2.43	0.015	3.24	1.26	8.34
Frequentemente	2.799	0.728	3.85	< 0.001	16.43	3.95	68.38
Sempre	1.641	0.687	2.39	0.017	5.16	1.34	19.82
Log-Likelihood = -102.810							
G = 80.969, DF = 11, P-Value = 0.000							

**Medidas de Associação**

Pares	Número	Percentual	Medidas				
Concordantes	9620	82.5	Somers' D	0.67			
Discordantes	1825	15.7	Goodman-Kruskal Gamma	0.68			
Empatados	216	1.9	Kendall's Tau-a	0.28			
Total	11661	100					

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

**Tabela 7** – Teste de regressão logística para o grupo de funcionários.

**Regressão Logística Binária**

Variáveis	Valor	Contagem				
Você realiza automedicação?	SIM	34	(Evento)			
	NÃO	11				
	Total	45				

**Tabela de Regressão Logística**

Preditores	Coef	Erro coef	Z	P	Odds Ratio	IC (95%)	
						Mínimo	Máximo
Constant	7.20024	2.42329	2.97	0.003			

<b>Sexo</b>							
Masculino	-3.0942	1.08163	-2.86	0.004	0.05	0.01	0.38
Idade	-0.1548	0.062752	-2.47	0.014	0.86	0.76	0.97
<b>Procurar contraindicações e efeitos colaterais</b>							
SIM	2.07505	1.18179	1.76	0.079	7.96	0.79	80.75

Log-Likelihood = -14.104

G = 21.846, DF = 3, P-Value = 0.000

**Medidas de Associação**

Pares	Número	Percentual	Medidas			
Concordantes	346	92.5	Somers' D	0.85		
Discordantes	27	7.2	Goodman-Kruskal Gamma	0.86		
Empatados	1	0.3	Kendall's Tau-a	0.32		
Total	374	100				

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A variável “Idade” apresenta um coeficiente negativo de -0,1548, com uma odds ratio de 0,86 (IC 95%: 0,76-0,97) e  $p = 0,014$ , indicando uma associação estatisticamente significativa. Esses resultados mostram que, conforme a idade aumenta, a probabilidade de automedicação diminui entre os funcionários. A odds ratio de 0,86 sugere que, para cada ano adicional de idade, a chance de um funcionário se automedicar diminui em aproximadamente 14%. Essa relação inversa pode refletir uma maior cautela entre os funcionários mais velhos, possivelmente devido a uma percepção mais clara dos riscos associados ao uso de medicamentos sem orientação médica. A significância estatística desse preditor destaca a importância da idade como um fator de influência no comportamento de automedicação, sendo os funcionários mais jovens aqueles com maior probabilidade de se automedicarem.

Em relação ao preditor de “Procurar Contraindicações”, verifica-se que ele está associado a uma odds ratio de 7,96 (IC 95%: 0,79-80,75), com um coeficiente de 2,07505 e valor de  $p = 0,079$ . Esse valor sugere uma tendência positiva, embora estatisticamente marginal, de que funcionários que buscam informações sobre contraindicações e possíveis efeitos adversos são mais propensos a automedicar-se. Esse preditor aponta para um comportamento de cautela e busca ativa de informações, que paradoxalmente pode incentivar a automedicação. A elevada odds ratio indica que, para esses indivíduos, a prática de consultar contraindicações e efeitos colaterais está associada a uma maior probabilidade de tomar medicamentos por conta própria, possivelmente porque, ao buscar essas informações, eles adquirem uma sensação de segurança e controle sobre os medicamentos, levando-os a se automedicar. Apesar de o valor de  $p$  não ser menor que o nível usual de significância (0,05), essa tendência sugere que entre os funcionários, aqueles que se preocupam com efeitos adversos podem sentir-se suficientemente informados para automedicar-se, uma percepção que pode reforçar a confiança em suas próprias decisões, mesmo sem orientação médica direta.



#### 4. Considerações Finais

Fica evidente, portanto, que a prática da automedicação entre os grupos analisados apresenta nuances importantes, as quais foram os objetivos centrais do presente estudo. Em relação às classes de medicamentos mais consumidas, entre os alunos há uma predominância de psicotrópicos e anti-hipertensivos. Já no grupo dos funcionários, verifica-se uma maior utilização de ansiolíticos, analgésicos e anti-inflamatórios. Essa diferença pode ser justificada pelos objetivos e demandas que cada um dos grupos apresenta ao realizar a prática da automedicação.

Outros pontos que foram enfocados dizem respeito à frequência de automedicação e os principais motivos que levam a essa prática. Ficou constatado que é uma prática abrangente em ambos os grupos analisados, com uma frequência de 71% entre os alunos e 76% entre os funcionários. Em adição a isso, as justificativas para a automedicação entre os alunos foram a experiência prévia com os medicamentos e a falta de tempo para ir em consultas médicas. Dentre os funcionários, a utilização pregressa também despontou como principal motivo, seguida pela recomendação de familiares ou amigos.

Em síntese, ao integrar os perfis epidemiológicos de alunos e funcionários, fica claro que, apesar de certas semelhanças no comportamento de automedicação e na busca por informações, as diferenças contextuais e etárias moldam profundamente as práticas de saúde de cada grupo. A literatura médica reforça a importância de intervenções educativas direcionadas, que abordem não apenas o uso responsável de medicamentos, mas também a necessidade de consultas regulares e o acesso a fontes confiáveis de informação. Estratégias diferenciadas são cruciais para garantir que tanto jovens universitários quanto adultos trabalhadores estejam capacitados para tomar decisões informadas sobre sua saúde, minimizando os riscos associados à automedicação e garantindo o manejo adequado de comorbidades.

Assim sendo, é de suma importância dar continuidade a pesquisa, visto que, o abuso da automedicação pode ser prejudicial em longo prazo para a saúde. Pesquisas adicionais podem traçar estratégias educativas a fim de reduzir a automedicação e promover a prática de autocuidado entre alunos e funcionários da instituição onde foi realizada a pesquisa.

#### Referências

- ALBashrawy, M., Batiha, A. M., Tawalbeh, L., Tubaishat, A., & AlAzzam, M. (2015). Self-medication among school students. *The Journal of School Nursing*, 31(2), 110-116.
- Andrade, S. M., Cunha, M. A., Holanda, E. C., Coutinho, G. S. L., Verde, R. M. C. L., & de Oliveira, E. H. (2020). Caracterização do perfil das intoxicações medicamentosas por automedicação no Brasil, durante o período de 2010 a 2017. *Research, Society and Development*, 9(7), e236973952-e236973952.
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. D. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., ... & Bertoldi, A. D. (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de saúde pública*, 50, 13s.
- Behzadifar, M., Behzadifar, M., Aryankhesal, A., Ravaghi, H., Baradaran, H. R., Sajadi, H. S., ... & Bragazzi, N. L. (2020). Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. *East Mediterr Health J*, 26(7), 846-57.
- Cavalcante, A. A. O. G., da Silva, T. M., & Quintilio, M. S. V. (2023). Automedicação entre os profissionais de saúde e o papel do farmacêutico. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 6(13), 255-273.
- Cecyli, C., & Pragathi, T. (2020). Assessment of knowledge and practice of self-medication among urban and rural population. *Drug Invention Today*, 13(6), 1059-1064.
- Daanish, A. F., & Mushkani, E. A. (2022). Influence of medical education on medicine use and self-medication among medical students: a cross-sectional study from Kabul. *Drug, Healthcare and Patient Safety*, 79-85.
- Delmondes, K. F. S., de Medeiros Souto, F. A., & dos Santos, A. C. D. (2024). Avaliação da prevalência da automedicação entre acadêmicos de medicina no Brasil: uma revisão integrativa. *AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH*, 12(1), 266-282.
- Filho, S. A. A. G., de Almeida, D. A., Corrêa, L. C. M., Campos, L. V., Pereira, M. A. C., Villela, H. J. F., ... & de Castro Machado, Í. (2020). Automedicação em acadêmicos do curso de medicina: Uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(5), 15460-15466.
- Galato, D., Madalena, J., & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 3323-3330.
- Gil, A. C. (2017). Como elaborar projetos de pesquisa. 6ed. Atlas.



- Iuras, A., Marques, A. A. F., Garcia, L. D. F. R., Santiago, M. B., & Santana, L. K. L. (2016). Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Revista Portuguesa de estomatologia, medicina dentária e cirurgia maxilofacial*, 57(2), 104-111.
- Junior, V. S. C., de Oliveira, A. L. R., & Amorim, A. T. (2022). Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. *Research, Society and Development*, 11(8), e11011830678-e11011830678.
- Khatony, A., Soroush, A., Andayeshgar, B., & Abdi, A. (2020). Nursing students' perceived consequences of self-medication: a qualitative study. *BMC nursing*, 19, 1-7.
- Leal, R. P., Miranda, L. R., & Santos, G. B. (2024). Riscos da automedicação em jovens com insônia. *Research, Society and Development*, 13(9), e7313946721-e7313946721.
- Lima, P. A. V., Costa, R. D., Silva, M. P. D., Souza Filho, Z. A. D., Souza, L. P. S. E., Fernandes, T. G., & Gama, A. S. M. (2022). Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35, eAPE039000134.
- Machado, J., da Silva, C. M., & de Peder, L. D. (2020). Concepções sobre automedicação entre profissionais de enfermagem. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*, 7(13), 10-15.
- Mendanha, V. C., Pereira, G. O., França, H. V., Santos Junior, E. P., & Coura, L. B. M. (2022). A automedicação para o alívio dos sintomas gastrointestinais dos alunos no curso de medicina da UniEVANGÉLICA [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA].
- Moraes, L. G. M., Bernardina, L. S. D., Andriato, L. C., Dalvi, L. R., & de Sousa Loyola, Y. C. (2018). Automedicação em acadêmicos de Medicina. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 16(3), 167-170.
- Neto, D. J. P., Silva, F. O., Alves, J. J., Correia, S. M. B., & de Oliveira, T. V. L. (2023). Automedicação em estudantes de medicina: Uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 12(11), e92121143705-e92121143705.
- Pandya, R. N., Jhaveri, K. S., Vyas, F. I., & Patel, V. J. (2013). Prevalence, pattern and perceptions of self-medication in medical students. *Int J Basic Clin Pharmacol*, 2(3), 275-280.
- Pereira A. S. *et al.* (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.
- Porto, T. N. R., da Silva Barbosa, M. D., do Carmo, M. L., de Sousa Neto, B. P., Magalhães, N. A., Baldoino, L. S., ... & Banks, L. S. B. (2020). Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (41), e2840-e2840.
- Rahimisadegh, R., Sharifi, N., Jahromi, V. K., Zahedi, R., Rostayee, Z., & Asadi, R. (2022). Self-medication practices and their characteristics among Iranian university students. *BMC Pharmacology and Toxicology*, 23(1), 60.
- Ramadan, M., Eltaweel, A., El Nakhel, T., Hemeed, H., Maraqa, A., Abish, D., ... & Baraka, A. (2018). Self-medication among undergraduate medical students of alexandria faculty of medicine: where do we stand?. *International journal of medical students*, 6(2), 52-55.
- Sachdev, C., Anjankar, A., & Agrawal, J. (2022). Self-medication with antibiotics: an element increasing resistance. *Cureus*, 14(10).
- Santos, T. M., Zattar, T. A., de Alencar, B. T., Aleixo, M. L. M., Costa, B. M. S., & Lemos, L. M. S. (2022). Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 11(2), e54111213760-e54111213760.
- Shrestha, A. B., Aryal, M., Magar, J. R., Shrestha, S., Hossainy, L., & Rtimi, F. H. (2022). The scenario of self-medication practices during the covid-19 pandemic; a systematic review. *Annals of Medicine and Surgery*, 82, 104482.
- Silva, J. C. S., de Souza, F. D. C. R., & de Andrade Aoyama, E. (2020). A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS*, 2(1).
- Silva, A. D., Santos, A. A., Nunes, L. R., Guinho, G. A. S., & Sousa, V. K. A. (2024). OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO PELO USO DE BENZODIAZEPÍNICOS PARA O TRATAMENTO DA ANSIEDADE. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, 6(1).
- Siraj, E. A., Yayehrad, A. T., Kassaw, A. T., Kassahun, D., Solomon, E., Abdela, H., ... & Awoke, E. (2022). Self-medication prevalence and factors associated with knowledge and attitude towards self-medication among undergraduate health science students at GAMBY Medical and Business College, Bahir Dar, Ethiopia. *Patient preference and adherence*, 3157-3172.
- Susanto, A., Purantiningrum, H., & Perwita, M. (2023). Effects of self-medication reasons, television advertisements, and pharmaceutical professionals' roles on self-medication practices. *J Public Hlth Dev*, 21(1), 179-188.
- Vieira, S. (2021). Introdução à bioestatística. Ed. GEN/Guanabara Koogan.